

PORTUGUESES!

Temos de construir o Futuro com orgulho e coragem. Orgulho que iremos buscar ao Passado e coragem que havemos de temperar no Drama que hoje vivemos; vencendo o Drama que hoje vivemos.

GALVÃO DE MELO

(Preço avulso: 5\$00) N.º 740
ANO XXVIII 23/8/1979Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIORDIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade BarrosRedacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Telef. 6 25 36 LOULÉPORTE
PAGO

A Voz do E!

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

O experimentalismo político

Isto é deveras um espetáculo fastidioso! Embora não seja possível desenrolar aqui o exame dos muitos e diferentes projectos de governação política que falharam em Portugal, nem ilustrar o princípio básico e a essência deste neo-experimentalismo político, é possível, contudo, tratar da crise padronizada e dos inadequados meios de salvação económica. A própria característica dominante que torna tais métodos políticos ilusórios e insuficientes é a indefinição dos governantes, a sequência das orientações intuitivas desprovidas de conceitos e reflexões objectivas. Será necessário, em definitivo, interpretar a realidade em que o País se encontra e, sem superstícias, desvendar o sistema mais aconselhável à regu-

larização da política que devemos seguir. Só a nudez das instituições e das pessoas que as representam permitirá a constituição de uma sociedade consciente sem ameaças e desequilíbrios.

Ao decidirem o seu voto, os Portugueses não escolheram o custo de vida a níveis insuportáveis.

(Continua na pág. 7)

Propriedade privada e liberdade individual

por MACHADO PINTO

O Cristianismo está na base da liberdade humana, na medida em que a estabeleceu perante Deus e a tornou extensiva perante os homens e o Estado.

A declaração de Cristo, «Deus o que é de Deus e a César o que é de César», deve também ser entendida que a ninguém é

(Continua na pág. 7)

EM QUERENÇA

FESTA DO POVO foi mesmo popular

Querença é, quanto a nós, que a temos acompanhado de perto, a freguesia do Concelho de Loulé mais activa no sector da preocupaçao e animação cultural, dispondo de um punhado de jovens de bastante valor, e que já puaram em pé uma série de manifestações verdadeiramente populares, que merecem todo o aplauso. O passado dia 4 de Agosto, foi

cenário temporal da Festa do Povo de Querença. Motivo fundamental: a homenagem a um dos filhos ilustres de Querença: o Dr. MANUEL VIEGAS GUERREIRO.

Enformando esta homenagem, foi elaborado todo um calendário de festividades que, representaram um cariz genuinamente popular, do mais puro que temos encontrado, daquele popular que não é popularuco, nem tem que forçar a nota para se afirmar que é mesmo do Povo.

Importante, a inauguração do Parque Desportivo, onde se poderão praticar diversas modalidades. Seguiu-se uma sardinha ao ar livre, onde não faltou um toque socialista, com as presenças do Presidente da Câmara de Loulé, Andrade de Sousa, do Governador Civil, Almeida Carrapato, e de outras personalidades mais ou menos à esquerda que, logicamente, numa sardininha, puxam a brasa à sua sardinha.

Estranhamos apenas que os outros sectores não apareçam também a reclamar as sardinhas a que têm direito. «Para não engrossar as festas dos outros!» — dizem-nos. Estranha táctica esta de dar campo ao adversário... Mas enfim, deixemos a política para outras ocasiões, porque... Porque, ficámos verdadeiramente maravilhados com a «Exposição de Motivos Locais, de Usos e Costumes, Históricos e Artesanais! Um autêntico espanto de ante popular, executada por artistas originários da região, e que assim passam anonimamente pela História. Uma autêntica refe-

(Continua na pág. 2)

RÁDIO RENASCENÇA

mais junto dos seus amigos

No seu firme propósito de manter viva uma chama daquela fé que anima os católicos e os irmanava no mesmo ideal, a Rádio Renascença está em permanente contacto com os milhares de ouvintes que diariamente a sincronizam.

Mas os homens que fazem da Rádio Renascença a mais escutada (continua na pág. 6)

Tomada de posse do novo Presidente da CRTA

Ainda agora a procissão vai no adro

Reportagem de
— JOSÉ MANUEL MENDES —

Retomando uma cerimonialidade antiga, estes actos de posses e contraposessas parecem reassumir uma importância e uma pompa, que as conjunturas de Abril pareciam ter atenuado.

Segunda feira, 13 de Agosto de 1979, o supra-sumo das altíssimas individualidades do Algarve, reuniram-se por convite, ou por pre-

sença voluntária, para dar assistência a mais um episódio daquilo a que, muito propriamente, alguém já chamou a «guerra santa do Turismo».

O empossado, Ribeiro da Cunha, viu-se assim rodeado, logo à partida do seu mandato «temporário», por muito boa gente que, francamente, ele não saberá se lá foram como amigos ou inimigos. Isto, porque, passem as palminhas da praxe com que Ribeiro da Cunha foi agraciado, e o discurso habitual com que foi saudado, ainda agora a procissão vai no adro no que respeita a esta luta pelo poder turístico, e

não se está a enxergar muito bem se as Câmaras Municipais irão acatar cordeiramente a nova ordem estabelecida, se recolher os arraiais. De resto, sintomática foi a presença de bastantes personalidades ligadas à actividade turístico-hoteleira, reveladora, talvez, de um apoio de que gozou o anterior ocupante da cátedra da CRTA, Cabrita Neto. Apoio este, que seria duplo, publicamente declarado que já foi o intento de manter Cabrita Neto na CRTA, como vogal, em representação da Associação dos Hoteleiros. Facto este que, poderá não ser muito (continua na pág. 3)

A outra face da Rodoviária Nacional

Tem sido este jornal pródigo, algumas vezes sob a minha pena, em criticar determinadas estruturas e funcionamentos da responsabilidade da Rodoviária Nacional, bem como o continuarmos fazendo, sempre que a causa se nos afigura justa, e a sua publicitação possa contribuir para um levantar de questões, sempre benéfico, por quanto agita, apoquaça por vezes, mas leva não raramente, a acelerar a solução desejada.

Já aqui há dois anos, e a propósito de um escrito intitulado «Rodoviário nacional», tiveram a oportunidade de contactar com o responsável máximo pelo Centro de Exploração de Passageiros 9, de Faro, Engº Jaime Quaresma, o qual nos forneceu algumas explicações aceitáveis para os desajustamentos que se verificavam em certas carreiras, nomeadamente, o excesso de passageiros que as li-

gações Loulé-Quarteira, e vice-versa, registam nos meses de ponta da estação estival. Foi-nos, então, explicada a insuficiência (continua na pág. 2)

«SKATE» - a febre de todas as tardes

Assim como o jeans e o jazz, o «Skate» teve a sua origem na Califórnia (E.U.A.). Segundo dizem, o «Skate» nasceu do «Surf» (desporto que consiste em deslizar numa prancha sobre as ondas do mar) e que, depois adaptaram à prancha umas rodas de krypton.

Para uns, mais um dispêndio brinquedo, para outros um desporto emocionante, para outros ainda, uma descoberta maravilhosa a caminho de uma indústria lucrativa.

Em Portugal, país em que a

modalidade foi introduzida há menos de um ano, assim como o «Surf», através de revistas e de filmes americanos, que focam este novo desporto. Desporto que tem ritmo, vibração, alegria, entusiasmo e não deixa de ter as suas peripécias e o seu perigo, se não houver o cuidado de proteger o corpo contra presumíveis quedas. Mas o equipamento protector, capacetes, cotoveleiras, joelheiras, luvas, não deixa de ser caro, assim como o próprio «Skate» que custa perto de (continua na pág. 3)

A Volta a Portugal terminou em Loulé

Apoteose de Marco Chagas, o grande vencedor

Pela primeira vez na história de Loulé, a Volta a Portugal fez nesta terra, o palco para o

desfechar da maior prova do calendário velocipédico nacional.

No dia 15 de Agosto, logo na manhã, os milhares de espectadores que acorreram à beira da estrada, tiveram a alegria de assistir à vitória de um algarvio, Manuel Gonçalves, na etapa que ligou Ourique a Loulé.

(Continua na pág. 7)

FESTAS DE VERÃO EM LOULÉ

Com aliciante programa de Variedades, bailes, artesanato, folclore e outras diversões, prosseguem nos dias 25 e 26 de Agosto as Festas de Verão que estão a realizar-se no Parque Municipal de Loulé.

A outra face da Rodoviária Nacional

(Continuação da pág. 1) da frota, para prover satisfatoriamente a procura, bem como nos foi assinalada a recuperação, em termos empresariais, porque o CEP 9 estava passando, com novos investimentos, novos empreendimentos, e uma gestão tão mais dinâmica e eficaz.

Passaram-se, entretanto, dois anos sobre esta conversa. Estivemos em Lisboa, e, agora regressados, verificámos com espanto, que aquelas mesmas deficiências então apontadas, além de continuarem a existir, estariam, porventura, ampliadas. O volume de queixas chegadas à «Voz de Loulé», é apreciável, e o jornal, como seria normal, fez eco delas. Daqui, surgiu uma vez mais a oportunidade, de entrar em diálogo com a Rodoviária, e saber, com conhecimento de causa, o que realmente se passa. Dois anos depois, o Engº Jaime Quaresma, revela-se-nos com a mesma abertura ao diálogo, e a mesma franqueza e propósito de esclarecer.

Tornou-se um hábito dos portugueses, criticar tudo e todos, por tudo e por nada. A Rodoviária Nacional, abstraindo das suas componentes políticas que lembram palavras como nacionalizar, indemnizar, dar prejuízo, compadrios políticos maus serviços, etc., abstraindo disto tudo, a Rodoviária existe, é importante demais para se analisar assim levianamente em duas penadas; e tem que ser olhada com o respeito que merece uma empresa gigantesca, uma das maiores fontes de emprego do nosso País, e a principal detentora de um serviço vital na vida nacional: os transportes públicos.

Dai que, tenha que reconhecer-se, sem sectarismos, sem a cegueira política a turvar-nos o raciocínio, o quanto se avançou ou deixou de se avançar, desde que a Rodoviária existe e funciona como tal.

Dai que, seja bastante discutível sobre a imperiosidade que um serviço público, como é os transportes, tenha de obrigatoriamente dar lucro. Lucro entendido na aceção financeira do termo. Porque, uma empresa como a Rodoviária, pode, sem honra, apresentar um prejuízo no balanço analítico do fim de exercício, e ter conseguido um lucro social, não medido pela técnica contabilística, mas que pode ser muito mais rentável ao país dos homens que a empresa fundamentalmente serve.

Dai que, sem deixarmos de continuamente apontar o que está mal na Rodoviária Nacional, seja também importante, e temos autoridade moral para o fazer assinalar o que de positivo se tem feito. Informar as pessoas, por exemplo, que, só o CEP de Faro, em 1978, fez mais 3 milhões de quilómetros, que no ano de 1976. Que só em passageiros transportados em 1978, foram a «bagatela» de 15 700 000, onde Loulé ocupa 4,8%, num total de 9 estações. Referir que, se em 1976, a idade média da frota de autocarros, era 14,85 anos, em 1977 foi de 12,5, e em 1979 já é inferior a 10 anos, mercê de grandes investimentos na renovação de viaturas antiquíssimas que constituiam o parque rodoviário da empresa.

O aumento do número de ho-

rários, é algo que qualquer utente da Rodoviária poderá facilmente, comparando as alternativas de que dispõe agora, com as alternativas de que dispunha há anos atrás. O CEP de Faro tem ao serviço do público 273 carreiras, sendo 30 delas muito recentes.

Numa empresa com 900 empregados, 300 deles, são motoristas, que frequentam cursos de reciclagem. Sobre investimentos em instalações, refiram-se os melhoramentos no interior da gare de Lagos. As oficinas de Portimão que vão arrancar brevemente, e representam, só por si, um investimento de 60 000 contos. As oficinas de Vila Real de Santo António, e, finalmente, o grande projecto para Faro, que está na forja: instalações completas, com oficinas, escritórios, terminal, garagem, etc.

Tudo isto conseguiu-se com muito esforço, mas também com a competência de quem, há três anos, dirige o CEP 9 de Faro, e cuja ação merece aqui justo realce, bem como se lamenta a sua partida em breve para Lisboa: o Engº Jaime Quaresma.

Muito está por fazer, muito fica já programado. Uma certeza temos: a de que, só um diálogo mais estreito entre o público utente e a empresa, poderá contribuir para o melhorar dos serviços. Com a pressão que o público fizer, os homens do CEP 9 terão mais força aos níveis governamentais, para exigirem mais investimentos. Para ampliarem uma frota que peca sobremodo pela escassez. Para que situações escandalosas como as que o público suporta nesta carreira Loulé-Quarteira, possam ser ultrapassadas. Tudo o resto, serão situações pontuais, que poderão ser resolvidas facilmente, desde que os canais de comunicação entre a empresa e o público não estejam interrompidos. Aqui, neste contacto, nesta auscultação, todos nós temos uma quota parte de responsabilidade. A Rodoviária Nacional poderá ser, para alguns, um objectivo político a abater. Mas, para uma formação minimamente consciente e honesta, terá de ser um objectivo de bem servir o público, a promover.

José Manuel Mendes

EM QUERENÇA FESTA DO PVO FOI MESMO POPULAR

xar de enviar uma palavra a todos os filhos de Querença, no sentido de que saibam ultrapassar algumas divergências porventura existentes, e saibam confraternizar, dentro do respeito pelos ideais de cada um, com o objectivo de não deixar que a mancha da desunião suje o piano de uma freguesia, que sempre primou sobretudo por um bairrismo natural e sadio, na defesa dos verdadeiros interesses da região, defesa essa que não é, nem poderá ser, propriedade exclusiva de qualquer formação partidária.

Lado a lado com o artesanato, havia também uma exposição de fotografia, sobre motivos da freguesia de Querença, bem como de documentos antigos historiando a região.

Foi feita a abertura simbólica da Biblioteca, tendo na altura sido proferida uma alocução pelo Dr. António Salustiano.

Lado a lado com o artesanato, havia também uma exposição de fotografia, sobre motivos da freguesia de Querença, bem como de documentos antigos historiando a região.

Da homenagem ao Dr. Manuel Viegas Guerreiro, constou o descerramento de uma placa com o seu nome numa rua da freguesia, e uma exaltação do homenageado, proferida pelo Prof. Joaquim Magalhães.

Finalmente, houve diversas manifestações culturais, que incluíram Danças, Cantares, Quadras, etc.

A terminar, não queremos dei-

xar de enviar uma palavra a todos os filhos de Querença, no sentido de que saibam ultrapassar algumas divergências porventura existentes, e saibam confraternizar, dentro do respeito pelos ideais de cada um, com o objectivo de não deixar que a mancha da desunião suje o piano de uma freguesia, que sempre primou sobretudo por um bairrismo natural e sadio, na defesa dos verdadeiros interesses da região, defesa essa que não é, nem poderá ser, propriedade exclusiva de qualquer formação partidária.

Para Querença, com muito carinho, um abraço de felicidades.

José Manuel Mendes

VENDE-SE

Um prédio com 3 apartamentos. Completo ou por andares, sendo o 2.º andar com chave na mão.

— Um prédio mais pequeno. Ambos os prédios ficam na Rua Bernardo Passos, em Loulé.

Informa: Manuel de Sousa Leal — Soalheira - Vilarinhos — S. Brás de Alportel.

(3-2)

QUARTEIRATUR

AGÊNCIA IMOBILIÁRIA E TURÍSTICA

ALUGUER, VENDA E ADMINISTRAÇÃO DE APARTAMENTOS — MORADIAS — TERRENOS

Av. Infante de Sagres, 23

Telef. 65488

QUARTEIRA — ALGARVE

(25-5)

JALEX - PUBLICIDADE

RECLAMOS LUMINOSOS

CARTAZES PUBLICITARIOS

Telefone 53247
Rua 5 de Outubro

ALBUFEIRA

(10-6)



Pastelaria
AMAZONA

FABRICO PRÓPRIO

FORNECEMOS BOLOS PARA:
CASAMENTOS, BAPTIZADOS,
ANIVERSARIOS, ETC.

DOCES REGIONAIS DO ALGARVE

★

Telef. 62503

LOULE

TERRENO COMPRAS-SE

Empresa estabelecida em Faro pretende adquirir terreno nos arredores da cidade, com área aproximada de 20000 m² para construção de armazéns próprios.

Resposta a este jornal ao n.º 54

Tomada de posse do novo Presidente da CRTA

(Continuação da pág. 1)

do agrado do «consórcio municipal», que não verá com muito bons olhos a presença em dois lugares de destaque da CRTA, de pessoas apoiadas pela AlH. Daí, também, a razão porque a procissão ainda agora vai no adro, não custando muito prever que as hostilidades não se quedarão por aqui, pese embora a opinião de muita gente responsável, e da qual me subscrevo também, de que dos estilhaços desta guerra, quem sai mais ferido sempre acaba por ser o Algarve, o turismo algarvio, e a economia nacional.

Assumpção, de resto, focada muito a propósito pelo Secretário de Estado do Turismo, Lícinio Cunha, que, mesmo ali nas barbas do Governador Civil e dos presidentes camarários, atirou que «o tempo perdido nas discussões, é já irrecuperável. Só a serenidade e o bom senso, poderão criar condições para se chegar a soluções acertadas».

AS AUTARQUIAS LOCAIS PODEM SER OS COVEIROS OU OS SALVADORES DO TURISMO

A preocupação de criar os suportes financeiros da CRTA, que lhe permitam continuar a desenvolver naturalmente a sua actividade, foi um dos pontos bastante focados por Lícinio Cunha, que reafirmou a «indispensabilidade dos órgãos locais e regionais de turismo». Daqui, passou pela famigerada Lei das Finanças Locais, despoletadora de todo este processo, acabando mesmo por colocar o dedo na ferida, afirmando, com um certo quê de acusação, que «as autarquias locais, tanto podem ser os coveiros, como os salvadores do turismo». Que é como quem diz: ou as autarquias locais se compenetram dos limites até onde a sua competência chega, neste caso no sector turístico, ou a actividade acabará por morrer às mãos de quem a quiser espremer como quem espreme um limão. Realmente, urge encontrar até onde é comum o caminho a percorrer pelas autarquias locais e pela actividade turística, e onde se separam, e se gerem autónomamente, sem interferência de parte a parte. Sem este pressuposto encontrado, sem este protocolo afirmado e convencido, a situação de «andar às turmas» não beneficia a ninguém, como já dissemos.

PRETENDEMOS APENAS SER O TEMPO DE REFLEXÃO

Esta sensação que se respira, do carácter transitório de tudo o que se apresenta nas mais altas instâncias do turismo algarvio, foi aliás expresso no final do discurso de Ribeiro da Cunha. Pretende ser, apenas, o «tempo de reflexão». «Reflexão serena e construtiva», «tempo que seja curto». Ficam as perguntas no ar: reflexão, para quem? Tempo para quê? Sem dúvida, para medi as forças em presença, e os riscos que se correm das acções planeadas.

Ribeiro da Cunha, no seu discurso, foi vago na acuidância, foi preciso no «pluralismo» do agrado a gregos e a troianos. Das suas palavras, tampouco das de Lícinio Cunha, não transpirou um gesto de apreço, ainda que formal, pela acção desenvolvida por Cabrita Neto, e pela anterior «ge-

PARTIDAS E CHEGADAS

De visita a seus familiares e amigos, encontra-se a passar férias em Quarteira, o nosso dedicado assinante em Edmonton (Canadá), sr. Joaquim G. Martins Laginha que se faz acompanhar de sua esposa sr.ª D. Maria Laurinda Martins e seu filho Nelson Martins.

rência» da CRTA. Ribeiro da Cunha, falou em termos tão amplos e tão generalizados, que abarcou tudo e todos na «opção colectiva» de sermos uma «região de turismo». Desde a imagem do «simples homem da rua» até ao «profissional de turismo», reconhecendo os aspectos extensos dos cocktails, das boites, dos casinos, e o aspecto interno e realista da angariação de divisas, Ribeiro da Cunha quis dar uma imagem de abertura, quicá muito próxima da ambiguidade. Está certo. Foi para isso que o convidaram.

Reconheceu, explicitamente os três novos patrões da CRTA: o Governo Central, as Câmaras Municipais e o Sector Privado. Uma coisa que Cabrita Neto sempre se recusou a fazer: reconhecer autoridade a outras entidades, que não fosse o Governo, para pôr e dispôr da CRTA. Por aqui se pode, em suma, avaliar, dos resultados até agora, da Guerra Santa do Turismo, e de quem avançou e quem recuou. Certamente que Júlio Carrapato e seus pares, têm motivos para regozijo: a guerra vai-lhes de feição. Resta saber, quando, como, e com que forças surgirá a reconquista, se é que ela não está já em marcha...

NO BEJA MÃO DO NOVO SENHOR

Estiveram, como afirmámos no início, muitas individualidades do «high-life» algarvio, presentes no acto de posse de Ismael Ribeiro da Cunha, como Presidente da CRTA. Essa presença, é só por si afirmativa da importância que o sector turístico detém dentro do Algarve, e de como as suas cúpulas significam, de certo modo, uma espécie de poder paralelo das estruturas político-administrativas regionais.

Ali estiveram presentes, personalidades de todos os carizes: dos que vão em ascensão, ou em reascensão, aos que se encontram já em queda livre, mas em todos, a necessidade de não perder o combóio, o que até é compreensível, em tempos de crise de gasolinhas...

Na Mesa de honra, ou da Presidência, como soi chamar-me, encontravam-se Ribeiro da Cunha, o empossado, Júlio Carrapato, Governador Civil, Helena Torres Marques, da Administração Local e Cristiano de Freitas, Director Geral do Turismo. Cristiano de Freitas que, nos pareceu bastante à vontade no meio daquela cerimonialidade toda, pois diversas vezes, não se coibiu de estar com as mãos nas algibeiras, o que, na frente de toda a assistência, é uma pequena inconveniênciainha que dá logo nas vistas, mais a mais, num Director Geral do Turismo...

Nas vistas, deram outros pequenos pormenores que passamos a discriminar: Albio Pinto, as mais distintas barbas presentes na sala; Andrade de Sousa, um presidente de Câmara em mangas (curtas) de camisa; Patrick Swift, vestido cor de neve; Eng. Lopes Serra, um regresso àquela casa; Padre Patrício decepcionado, não havia comes e bebes; Cabrita Neto concedendo pequenas audiências ao canto do ouvido, e ao canto da janela; o director de «O Barlavento», segurando o projector do operador da TV; Prof. Joaquim Magalhães, um pouco adoentado, desde a sardinha de Querença; João Soares, da «Toca do Coelho», um bigode na audiência; Gentil Marques, um pouco mais magro; Luís Filipe Madeira, a atrasar-se muito; Almeida Carrapato, esqueceu-se da gravata em casa, e etc., etc.

Ficamos por aqui. Que me desculpem outras individualidades, da omisão. Ninguém mais apresentou...

X X

Do discurso do novo Presidente da C. R. T. A. destacamos as seguintes passagens:

«SKATE» — a febre de todas as tardes

(Continuação da pág. 1)
2.000\$00 (o mais simples), não falando do último modelo americano.

Embora sendo caro, porém, não deixa de ser vendido. Segundo recentes estatísticas já foram vendidos no nosso mercado 15.000 exemplares, o que demonstra claramente o éxito e a popularidade que esta nova modalidade está a registar em Portugal.

O «Skate» poderá ser um desporto preferido pela esmagadora maioria dos jovens portugueses, mas actualmente só é praticado pela juventude da chamada «sociedade moderna», de jovens apreciadores de música «pop» ou «jazz», mas que adoram preencher os tempos livres com algo de inovador da vida quotidiana, se os preços dos «patinetes» forem acessíveis à nossa juventude, o incremento é inevitável.

Em Portugal são muitos os que ficam na dúvida sem saber

Despeito - cobardia - incompetência

Percorremos os jornais diários, os que ajudamos a pagar (estatizados) e os chamados independentes (?), a procura de uma reportagem que se impunha. O povo havia assimado com a sua presença maciça a maior manifestação de apoio à competência profissional de três dos maiores e mais briosos homens da informação que Portugal produziu neste século. Pois os colegas, os pseudo jornalistas de agora, primaram por ignorar a verdade. A soldo de quem?

Pedro Moutinho, Artur Agostinho e Henrique Mendes, além de Maria Leonor que manejavam bastidores, arrebataram duas plateias. Aconteceu no Porto, num espectáculo até depois das quatro da manhã, onde os aplausos se prolongaram por dez minutos consecutivos... Aconteceu em Lisboa, no Monumental, onde uma assembleia de mais de um milhar de pessoas recebeu de pé em estrondosa ovacão!!!

Quem viu tal nos jornais? Onde estão os colegas, alguns que tanto lhes devem, a assinalar, em três linhas que fosse, aquilo que mais de mil e oito-centos anônimos pagantes tão bem sublinharam com palmas na Cidade Invicta?

Eles, probos e competentes como sempre, vieram a Portugal, sua Pátria que os enjeitou, para apresentarem dois espectáculos comemorativos do 1.º aniversário

In «O Mensageiro»

se «Skate» é mais um brinquedo dos jovens ou uma nova modalidade desportiva, que se está a impôr no nosso país. Há os que fazem do «Skate» uma actividade desportiva e haverá aqueles que o utilizam nos seus bairros, parques, como mero divertimento.

O «Skate» como desporto poderá tornar-se um dos populares que existem actualmente em Portugal, assim como hóquei em patins que tem enorme popularidade. Se houver grande aceitação dos jovens, se houver apoio das fábricas que constróem estes materiais e das marcas publicitárias que fomentem esta inovação na nossa sociedade e se os preços dos «patinetes» forem acessíveis à nossa juventude, o incremento é inevitável.

«Skate» — a nova modalidade do século XX, que se está a impôr a nível mundial.

O «Skate» tem movimento, vivacidade, loucura e até um certo aspecto exterior de agressividade e visa principalmente conquistar os jovens para a modalidade. O «Skate» demonstra toda uma perícia em equilíbrio e os jovens amam toda aquela loucura proporcionada no deslize empolgante e diabólico de uma avenida ou uma rua um pouco empinada, traduzindo no seu rosto a alegria e o seu entusiasmo juvenil, de se sentirem voar rente ao chão, descrevendo curvas à medida dos seus desejos ou travagens repentinas.

Tudo isto, dependente de uma pequena prancha de madeira, de alumínio, de plástico ou de fibra de vidro, apoiada em 4 pequenas rodas feitas de Krypton.

O «Skate» como desporto está a ganhar grande popularidade em todos os cantos do Mundo e, que em Loulé já são muitos praticantes desta apaixonante maneira de «voar».

Esperamos a curto prazo que, nasça um clube (formado por jovens), que se dedique inteiramente a esta modalidade ou que facilite o seu acolhimento por parte das gentes louletanas, para que a sua existência tenha continuidade.

Esperamos igualmente que as firmas publicitárias contribuam para esta nova realidade inédita em Portugal.

Como curiosidade registamos que o 1.º Campeonato Nacional de «Skate» realizou-se no Pavilhão dos Desportos, no passado mês de Junho e que o actual campeão europeu da modalidade é de nacionalidade portuguesa.

Fernando Graça

O Banco Fonsecas & Burnay tem o prazer de informar que, para facilitar as férias dos seus Clientes, está a prolongar o horário de abertura do seu balcão para COMÉRCIO DE CÂMBIOS.

Consulte a nossa Agência em QUARTEIRA — Av. Infante de Sagres

BANCO FONSECAS & BURNAY
Mais tempo aberto para servir melhor



ERA UMA VEZ...

Era uma vez... Os homens distinguiam os homens bárbaros e os homens civilizados. Se te agrada volta a ser... E olha que entre os homens também as vezes surgem esses desejos de regresso à selva e, como tu, julgam que é progresso.

Muito cansado dos seus saltos e correrias devia ter ficado o velho mais novo para agora ansear manter a certeza, ao lado do irmão, a cavaquear com ele. E muito importantes para os destinos da espécie bovina lhe deveriam parecer os seus concorrentes. Talvez fosse esta a verdadeira explicação. Até porque, a certa altura, lhe saiu este desabafo, que nos tantas vezes temos ouvido a gente nova e generosa, desejosa de endireitar o mundo, e que talvez tenhamos também pronunciado ou, ao menos, tenhamos tido a tentação de pronunciar:

An! Se me deixasse mandar um dia... eu endireitava o mundo.

Bem sabemos que muitos dos que assim falaram tiveram, não um dia, mas anos, o governo dos povos (ao menos das cidades ou instituições) nas mãos e o mundo continuou tão torto, se não mais torto, que dantes. E eles não fizeram melhor, se não é que fizeram muito pior, do que aqueles cujos desacertos lamentavam.

Mas deixemos estas considerações «simplórias» e vamos ser todos ouvidos para os nossos bezerros.

— Eu não comprehendo porque é que nossos pais hão-de continuar sempre agarrados à mesma moda, à sua tradição, a tantas coisas que não têm valor, sem quererem progredir. Nem sequer aprendem com o exemplo dos nossos primos, os touros, que já se libertaram de tantas das servidões, a que nos ainda continuamos aferrados. Não precisam de trabalhar de sola-sol como nós e o pasto não lhes falta...

— Doidinho!... — interrompeu o irmão. — Não conheces a história e vês tudo de avesso. Não somos nós os atrasados. Somos do nosso tempo, como do nosso tempo são os primos touros. Simplesmente a nossa evolução é diferente. Sabes que mais? Ia mesmo dizer-te que estamos mais evolvidos (o bezerro até sabia que deve dizer-se «revolver» e que «evoluir» é asneira morfológica) do que os primos touros. Os nossos antepassados primitivos são anteriores aos homens e por isso não lhes estavam sujeitos, nem trabalhavam para eles e em colaboração com eles. E lá se iam criticando porque a terra era grande, as ervas muitas e a bilharada, embora de grandes proporções, não era muito numerosa.

Mas um dia, os homens precisaram de nós e nós vimos que trabalhar para eles também nos fazia jeito, porque já não tínhamos de nos preocupar com a comida (e que mais pode desejjar um boi?). O mesmo houveram de fazer mais tarde os primos touros e os primos búfalos e os outros primos que não quiseram acabar por desaparecer sem descendência. Simplesmente os touros nada mais sabem fazer senão divertir os homens nas touradas e bem à sua custa o fazem, porque muito têm que sofrer, acabando quase sempre por uma morte ingloriosa e violenta. Eles e nós distinguimo-nos assim como se

distinguem os homens bárbaros e os homens civilizados. Se te agrada volta a ser... E olha que entre os homens também as vezes surgem esses desejos de regresso à selva e, como tu, julgam que é progresso.

— Mas não deixaras de concordar comigo em que, se os nossos pais tivessem tido o cuidado de aprender com os homens, de fazer experiências, de registar os conhecimentos adquiridos e de nos transmírlos, nos, noje, já não seríamos estes bois pachorrentos e indómitos que somos. A nossa raga seria mais sá, mais sabia, menor.

— Sim... e não... Longe de mim condenar o saber, a experiência, o progresso. Mas falta saber o que se deve entender por ciência e por progresso. Poderás chamar ciência aquela mania de tantos homens, que se dizem sábios, porque têm catalogados quantos disparates saíram da boca e das penas de outros homens? Para eles, verdade (se é que acreditam na verdade) e erro têm o mesmo valor, são opiniões, não querem «dogmatismos» (nem sequer em religião, nem sequer quando se trata de verdades reveladas pelo próprio Deus). E uma consequência que vem desta ciência balofa é que a vida moral, as relações sociais, a política, etc., andam tão aviltadas entre esses falsos sábios. Já reparaste que, entre os homens, os mais perversos, os desleais, os exploradores do trabalho alheio, os revolucionários, os perturbadores da paz social, da ordem, do bem, se encontram muito menos entre o povo simples e humilde, do que entre os enfatuidos com cursos secundários ou universitários?

Eu não sou contra a ciência, contra a investigação, contra o progresso, longe disso. Mas entendo que, se a ciência, não estiver ao serviço de um carácter bem formado, se torna uma arma perigosa nas mãos do criminoso. Dizem os homens que nos campos de concentração dos nazis (e nos de outros que é perigoso nomear) se cometiam «cientificamente» os mais bárbaros crimes.

Estava o bezerrinho júnior abismado da sabedoria do irmão mais velho e não sabia que responder-lhe. Mas o leitor não me acusará de juízo temerário, se lhe disser que me parece que não ficou lá muito convencido.

Nem admira. Entre os homens

acontece o mesmo. Quantas vezes têm de calar-se, porque a verdade é irresponsável, mas continuam na sua, teimosamente, porque lhes falta o amor da verdade e a humildade suficientes para reconhecerem o seu erro.

— — — — — X — — — — —

Desta vez, o bezerro mais velho dispensa-me do trabalho de tirar a ligação da fábula.

Os leitores vêem-na bem.

J. C.

Direcção Regional de Agricultura do Algarve

CITRINOS

Cochonilhas

As cochonilhas dos citrinos são pequenos insectos, que podem comprometer severamente o estado de vegetação da cultura e, por vezes, provocam mesmo a sua morte.

Estamos na época indicada para se proceder ao seu combate. Por isso julgamos ser muito oportuna esta nossa informação, para que os Senhores citricultores do Algarve possam intervir o mais acertadamente nesta prática fitossanitária.

Existem várias espécies de cochonilhas e cada uma apresenta características específicas, pelo que o seu combate deve ser adaptado a cada um dos casos. Neste programa só nos é possível apresentar uma ideia generalizada. Àos senhores citricultores, que desejarem obter esclarecimentos mais detalhados, propomos que se dirijam ao SERVIÇO DE AVISOS DO ALGARVE, instalado na Rua do Município, n.º 13, em Faro e com o telefone n.º 22284.

ATENÇÃO AOS TRATAMENTOS

Como regra geral, para o seu combate são recomendados os produtos à base de óleo de Verão simples.

Nos casos mais difíceis, como seja no combate à ICERIA e ao ALGODÃO recomenda-se a aplicação de óleos fosforados (ex. Óleo + paratião, Óleo + malatião, etc.). Estes produtos são caldas mistas de óleo de Verão com um insecticida organo-fosforado. Nestes casos mais resistentes devem repetir-se os tratamentos com intervalo de 1 mês.

Com a aplicação destas caldas oleosas os pomares de citrinos devem ser regados 24 a 48 horas antes de se efectuar o tratamento.

Mais recentemente têm aparecido no mercado novos insecticidas recomendados contra as cochonilhas à base das seguintes substâncias activas:

- Azinfos-metilo
- Metidatão.

VENDE-SE E ALUGA-SE

Apartamentos e terrenos.
Telef. 65852 (das 20 às 22 horas).

(2-1)

VENDE-SE

Apartamento livre, com 4 assoalhadas e chave na mão. Boa oportunidade.
Informa-se nesta redacção.

(2-1)

Viagem às civilizações milenárias

33 — CONVERSA COM UMA JUDIA

No Monte Sião, junto às muralhas de Jerusalém, na igreja de S. Pedro de Gallicantum, tinha-nos sido recomendada e lá fomos.

É uma igreja católica e digna de ser vista, foi edificada num lugar histórico-bíblico. Lá encontraram os rochedos sobre os quais Jesus foi julgado e, mais abaixo, em subterrâneos, a prisão onde o Senhor passou as últimas horas e a ultima noite antes de ser morto. Esta prisão consta de um pôço escavado na rocha, com uns 6 metros de altura. Os presos eram introduzidos por uma pequena abertura, em cima, sendo suspensos por cordas pelos braços. Hoje este triste sítio pode-se visitar comodamente, pois fizeram uma abertura lateral e colocaram uma escada.

Numa outra caverna, podemos ver a câmara dos suplicios, género sala de torturas, onde os apóstolos foram flagelados. Ainda se encontram nas paredes rochosas as argolas onde passavam as cordas que prendiam os presos.

Tomamos agora um velho autocarro e vamos a um outro lugar: a casa de Sant'Ana, hoje uma igreja. No entanto os jardins e o poço ainda lá estão.

Um pouco além, as ruínas de duas antigas piscinas. Uma para os homens se banharem e outra destinada à lavagem dos carneiros que seriam sacrificados no Templo de Salomão.

De regresso ao Hotel, também num velho autocarro de carreira, uma passageira ao ouvir-nos falar, perguntou-nos, numa espécie de português:

— São brasileiros?
— Não, somos portugueses. Você é espanhola?

— Não, sou argentina, judia, mas estou agora em Israel com os meus pais.

— Há muito tempo?
— Já há 14 anos. Tenho 24.

Os meus pais judeus, conseguiram fugir e, como eles sempre me dizem, foi Portugal que nos salvou ao permitir-nos fugir através do teu País. Já passaram mais de 30 anos, mas é ainda a principal conversa dos meus pais. Nunca mais se esqueceram de Portugal. Como sei um bocado de português que o aprendi na Argentina com amigos brasileiros, logo que vos ouvi falar, tinha que, também, mostrar a minha gratidão pelo teu País. Não o conheço, mas quero lá ir.

Mais conversámos. Notámos uma certa comoção na judia ao falar de Portugal. Também ficámos satisfeitos, não só pelo acto de humanidade praticado pelo governo português durante a última Grande Guerra, mas também pela confirmação do que, ainda ontem um israelita nos tinha afirmado, como escrevemos, que foram 50 000 os

judeus salvos por intermédio do nosso país.

Eles não se esqueceram. Todos nós sabemos da memória fantástica que os israelitas têm. Esta faculdade faz com que os judeus sejam implacáveis para os seus inimigos e generosos para quem os ajuda.

M. VAZAO

Próximo capítulo
— UM KIBUTZ

P R É D I O

Vende-se um prédio na Av. José da Costa Mealha com ca-ve, r/c e 1.º andar, sendo o r/c com chave na mão.

Tratar na Av. José da Costa Mealha, n.º 110 — Loulé.

V E N D E - S E

Apartamentos já acabados, com 2 e 3 assoalhadas, situados na Rua Frei Joaquim de Gama, 45 — Loulé.

Tratar no próprio local.

(4-1)

V E N D E - S E

Dois apartamentos de construção moderna, com r/c, Dt.º e Esq., mobilados e com chave na mão, situados na Rua Vasco da Gama em Quarteira.

Contactar com Manuel Guerreiro Calço — Restaurante Tomilhos, Betunes — Loulé, ou pelo telef. 62163.

(3-1)

C O M P R O

Casa, mesmo para demolir, com quintal, em Loulé.

Tratar na Av. Marçal Pacheco, n.º 114-A ou pelo telefone 62687 — Loulé.

(1-1)

V E N D E - S E

Um lote de terreno p/ construção com uma área de 1035 m², junto à E.N. 270 (sítio de Betunes) — Loulé.

Nesta redacção se informa.

(2-1)

FÁBRICA DE PASTELARIA FINA

DOCE DE AMÊNDOA E FIGO DO ALGARVE



Fornecimentos para:

Casamentos, baptizados, aniversário, etc.

Para Mercearia e Supermercados

Fornecemos bolos embalados e mel em frascos.

Pastelaria — Largo Gago Coutinho, 22

Fábrica — Rua do Matadouro, 20

Telefone 62503 — LOULÉ

(4-1)

LUIZ PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,
n.º 31 — Tel. 62406

LOULÉ

AGÊNCIA CAVACO — LOULÉ

A LINDA CONSTITUIÇÃO QUE NOS DERAM

(Continuação)

VII

O argumento era torpe demais para merecer crédito, já que as multi-nacionais ao estabelecerem-se em Portugal não degradaram o preço dos salários e antes o melhoraram; mas o sentimento de inveja e de rapinagem criado e desenvolvido pelo mundo comunista no povo, e sobretudo nas mulheres do povo, fez crer que essas empresas enriqueciam à custa das explorações dos seus trabalhadores que foram os primeiros a cravarem o punhal no coração daqueles que durante anos lhes proporcionaram trabalho com a emuneração correspondente e novas perspectivas de vida.

No espólio das vítimas cevou-se a matulagem durante quase três anos mas agora que aparecem os ossos expurgados da carne devorada, os jacais de Moscovo gritam e barafustam contra o governo que não oferece forte barragem à onda de despedimentos e até admite a justificação de alguns.

As mulheres que foram as dianteiras nos assaltos aos «exploradores» que muito as beneficiaram, são agora vedetas nas colunas dos jacais de Moscovo contra o Governo, disposto a manter uma reforma agrária organizada em substituição de outra, selvagem e de assaltos.

As multi-nacionais que foram tomadas de assalto pela choldra já foram esvaziadas e tiveram igual destino muitas empresas portuguesas acusadas de sabotagem ou de má administração pelas comissões criadas por força do artigo 55 da Linda Constituição que nos deram.

Para se compreender o caos a que chegámos basta mencionar que foram as comissões proletárias, criadas nas empresas, que tiveram a urgência de reconhecer a má administração dos respectivos empresários...

Sim, porque estes eram umas bestas, e eles os operários é que teriam o talento administrativo para dirigir-las no sentido de adquirir riqueza que a todos contemplasse.

As empresas, agora atingidas pelas comissões do proletariado, depressa declinaram o seu potencial de produção e tiveram de recorrer rapidamente à intervenção do Estado que lhes acudiu, por exigências do proletariado, com o crédito necessário para sobreviverem.

Todavia a capacidade do Estado não é limitada, e perante a hemorragia sem peias causadas no erário público pela voracidade das comissões do proletariado, teve o mesmo Estado de opor um não à essa voracidade e entregou algumas dessas empresas privadas aos respectivos donos.

As entregas aos respectivos donos foi uma atitude justa ao mesmo tempo que benéfica para a Nação, pois que as ditas empresas recomeçam a produzir bens que haviam diminuído, e nalguns casos desaparecido completamente com a sábia administração das comissões do talentoso proletariado.

Mas este benefício para a Nação irritou as comissões do talentoso proletariado que encheu as ruas, as praças e as vielas de insultos ao Governo por haver actuado nas suas costas, sem o consultar, o que é falso, pelo menos na maioria dos casos.

Mas aqui, teremos de fazer um alto:

Que princípio moral ou legal poderia coagir o Governo, ao entregar ao seu verdadeiro dono a propriedade roubada, de consultar o assaltante ou seja o autor do furto?

A moral e a lei exigiam do Governo outra atitude sem a alegria dos assaltantes: era a de ordenar a sua prisão.

Mas a moral após o 25 de Abril mudou de sinal, e a lei é tão somente um privilégio do proletariado, que só se executa quando este quer e exige.

E segundo esta Linda Constituição que nos deram não pode haver leis reguladoras de reações sociais — e quais as que o não sejam? — sem a participação das comissões de trabalhadores — alínea d) do art.º 56:

«Constituem direitos das comissões de trabalhadores:

d) «Participar na elaboração da legislação do trabalho e dos planos económico-sociais que contemplem o respectivo sector».

Isto é o privilégio dos privilégios a favor de uma classe concedido por esta Linda Constituição contra privilégios e empenhada numa sociedade sem classes.

Não se trata somente de incoerência: trata-se da fabricação de uma sociedade caótica, desregada e doida: «é uma autêntica fábrica de maluços esta Linda Constituição que nos deram.

Segundo a Constituição a «soberania reside no povo», «que a exerce segundo as formas previstas» nela; e são órgãos dessa mesma soberania: o Presidente da República; o Conselho da Revolução, a Assembleia da República, o Governo e os Tribunais — art.º 113.; e é a Assembleia da República que compete fazer leis, sobre todas as matérias, salvo as reservadas pela Constituição ao Conselho da Revolução ou ao Governo — alínea d) do art.º 164.

A principal função da Assembleia da República é fazer leis, e somente ela tem competência para fazê-las, salvo as que são da competência do Conselho da Revolução ou do Governo.

Somente ela? Isto agora fia mais fino...

E se as comissões de trabalhadores não quiserem?

Lá se vai a competência da A. R....

Sim; porque as Comissões dos Trabalhadores têm o direito de colaborar nas leis de trabalho, e por isso podem dizer aos senhores deputados: Ponham lá este naco que lhes enviamos da nossa lava para fazer parte da lei que foi apresentada ao parlamento; ou podem dizer-lhes: queremos colaborar na lei em discussão e por isso reservem-nos lugares para irmos à Assembleia discuti-la.

E como as Comissões de Trabalhadores têm também o direito de intervir na elaboração dos Planos, isso dar-lhes-há motivo a uma permanência assídua na A. R.

E aqui, essas Comissões de Trabalhadores poderão dizer: nós queremos, em nome do proletariado, que isto ou aquilo faça parte da lei em discussão, ao que os representantes do povo poderiam dizer, e deveriam dizer com acento: mas isto e aquilo que os senhores pretendem introduzir na lei não faz parte do contexto, do espírito e do objectivo dela...

«Não importa, que emos isto e aquilo na lei; é em nome do nosso direito que o exigimos»

Ora, os representantes do Povo não poderiam tomar a atitude fugitiva que tomavam os empresários no tempo do companheiro Vasco Gonçalves quando eram intimados a comparecer no «Ministério dos Trabalhadores» para ouvirem ler o termo de conciliação, empacotado e pronto a vestir: ou assinavam o termo ou sujeitavam a novas formas de luta.

(Continua)

Tomada de posse do novo Presidente da CRTA

(continuação da pág. 3)
tário de Estado, o nosso reconhecimento pela honra de nos ter confiado a direcção desta região de turismo e agradecer às Câmaras Municipais o voto de confiança que lhe merecemos. Consideramos, assim, criadas as condi-

ções mínimas para iniciarmos as tarefas a que fomos chamados.

Não surpreenderá que o nosso primeiro apelo seja para as gentes do Algarve, a quem contamos papel importante na promoção turística desta região, e especialmente na importante tarefa do acolhimento.

Uma região de turismo não é um mero conceito legal nem resulta apenas da decisão de um ministro ou do empenhamento dos técnicos de uma Direcção-Geral. É antes, e acima de tudo, uma opção colectiva e uma construção que nos tem a todos como obreiros.

Embora lamentavelmente, talvez esta região se possa dar ao luxo de não conhecer alguns dos seus valores histórico-culturais ou desconhecer alguns dos seus projectos de desenvolvimento, mas não pode esquecer nunca as obrigações que assumiu ao decidir ser uma região de turismo.

Nós, habitantes desta região, somos indiscutivelmente a sua parte mais importante e mais nobre, e sem dúvida a sua atração mais fascinante.

Turismo tem um rosto e nós somos esse rosto.

É certo que tem havido quem, por ignorância ou má-fé, tentado confundir este papel que todos somos chamados a desempenhar com o vil servilismo. A esses recordo, que com os defeitos e excelências que possuímos, foi a dignidade do nosso comportamento que sempre nos colocou entre os povos mais hospitalares do mundo.

Há que, no entanto, honesta e claramente, dissecar esta indústria e não confundir a realidade com a ficção.

Visto de fora, o turismo confunde-se com as serenas manhãs na praia, as tardes alongadas nos cocktails, as noites trepidantes nas «boites», o grito do «croupier» na roleta do casino... Visto por dentro, o turismo é apenas o meio que temos de angariar divisas — divisas que nos fazem falta para pagar o que importamos para sobreviver e para recuperar o País que queremos próspero, ajudando-nos a construir mais hospitais, mais escolas, mais habitações, mais estradas...

Para o turista que nos visita o turismo é um fim — a aventura, o revigoramento físico e psíquico, o enriquecimento cultural e humano. Para nós que o recebemos, o turismo é apenas o instrumento, a enxada, o ganha pão.

Se me fosse permitida uma imagem capaz de clarificar o meu pensamento eu diria que a CRTA se assemelha a uma empresa com 3 acionistas — o Governo Central, as Câmaras Municipais e o sector privado, cada um chamando a si uma quota parte da responsabilidade nas tarefas a cumprir.

Por falta de investimento que faça surgir novos empreendimentos e modernizar os existentes, corre esta região o risco de a curto prazo ver o seu parque hotelero desactualizado e incapaz de competir nos mercados tradicionais, dia a dia mais exigentes. Há, pois, que criar ao investidor condições para investir com confiança, e promover assim o aumento da capacidade de alojamento, criar novos estabelecimentos similares e complementar os equipamentos de animação.

TRESPASSA-SE

Estabelecimento de Fazendas e Pronto a Vestir. No melhor local da vila de Loulé.

Tratar telf. 62452 — Loulé.
(4-1)

Temos plena consciência das limitações do Organismo que vamos dirigir. Mas não pensamos situar a nossa actuação no estrito quadro legal definido. A importância turística desta região e a importância que o turismo pode ter nesta região, levam-nos a pensar que a nossa intervenção deverá abranger áreas mais vastas da problemática do turismo através de um diálogo permanente com o poder central. É dentro deste espírito que preconizamos para o Algarve uma estratégia de desenvolvimento turístico pelo qual vamos lutar.

O primeiro passo dessa estratégia será a defesa intransigente do património turístico da região, entendido este como o conjunto de todos os valores que servem o turismo.

Não podemos continuar a permitir que o reduzido fluxo de investimento ainda existente continue a ser canalizado para zonas sem infraestruturas básicas de espécie nenhuma e sem qualquer infraestrutura de animação, comprometendo irremediavelmente o futuro das unidades a instalar ou obrigando a volumosos investimentos adicionais para as tornar rentáveis.

E, em contrapartida, deixar que enormes investimentos em infraestruturas básicas e de animação há muito feitos continuem à espera que os equipamentos apareçam e os rentabilizem.

Quer dizer, de um lado perdemos os investimentos feitos em infraestruturas por falta de equipamentos, do outro perdemos os investimentos em equipamentos por falta de infraestruturas. E infelizmente, o Algarve, já vai sendo pródigo em exemplos destes.

Terminamos por onde começamos. Chamados a esta função por força de uma crise institucional que depois de paralisar este órgão corría o risco de desmobilizar as vontades, pretendemos apenas ser o «tempo de reflexão».

«Reflexão» que esperamos seja serena e construtiva. «Tempo» que desejamos seja curto.

Até lá, sem transições nem ambiguidades, seremos apenas o intérprete desta opção colectiva — o Algarve quer ser uma região de turismo».

José Manuel Mendes

Ainda precisamos de si
— e precisaremos sempre.
Do seu apoio. Da sua ajuda. Do seu entusiasmo. Da sua amizade. Para irmos mais longe... Para levar a todos os portugueses a voz da Emissora Católica.

ADQUIRA TÍTULOS DE SOLIDARIEDADE — SÃO APENAS 50\$00 — ATRAVÉS DO SEU PÁRCOCO, DAS COMISSÕES DIOCESANAS DA COMUNICAÇÃO SOCIAL OU DA LIGA DOS AMIGOS DA RÁDIO RENASCENCA.
Av. da Liberdade, 175/5 — Lisboa
Rua Sá da Bandeira, 766/7 — Porto



Rádio Renascença
para informar de verdade

Rádio Renascença mais junto dos seus amigos

(continuação da pág. 1) da emissora portuguesa ainda não estão satisfeitos com o trabalho já realizado. Querem ir mais alto e mais além. Querem que a voz da Rádio Renascença se faça ouvir onde quer que haja portugueses dispostos a escutar a voz da Mãe Pátria.

Para isso precisa de mais potentes emissores para fazer chegar mais longe o eco da sua mensagem.

Daí a razão da campanha que vem desenvolvendo no sentido de congregar o apoio de todos os portugueses conscientes da actividade da R. R. e da necessidade de ampliar a sua acção a todos os continentes.

Com esse objectivo promove campanhas, realiza concursos, chama a atenção dos portugueses e promove festas por todo o País, para aproximar amigos que contribuíram para que aumente a sua capacidade financeira e permitam à Rádio Renascença assumir os pesados encargos com a instalação do nosso centro emissor, para o que, aliás, já foi há dias lançada a primeira, em Muge e a cuja cerimónia presidiu o sr. Cardeal Patriarca de Lisboa.

Está assim demonstrada a vitalidade da única estação emissora portuguesa não estatizada, o que continua a ser particularmente estranho num país que se diz democrático e pluralista, quando, afinal, «antigamente» havia apenas um único partido mas era muito numerosos os postos emissores desvinculados do Estado.

Paradoxos duma política já de si extremamente paradoxal...

Mas felizmente que a R. R. superou muitas das flagrantes falhas da rádio estatizada e que consegue ainda um contacto directo através de espectáculos que promove para um público que lhe é dedicado.

Provam-no o facto de se ter esgotado a lotação do Cinema de Santo António em Faro, por motivo da Espectacular festa há dias ali realizada e que contou com a presença de um vasto elenco de artistas, entre os quais salientaram os conhecidos nomes de Simeone de Oliveira, Carlos Quintas, Bric-à-Brac, Maria José Valério, Manuel José Soares, Alice Maria, David, Isabel, Vítor Mendes, Conjunto de José Quelhas, Tancaria e Tó Zé (popular revelação do programa «Cornélia» da RTP) e ainda, como surpresa «a primeira intérprete da canção nacional».

Colaboraram ainda neste «Espectacular» realizado na capital algarvia o Coro do Conservatório Regional do Algarve, o Grupo Folclórico Infantil de Loulé e a Fanfarra dos Bombeiros Voluntários de Faro.

Foi um autêntico festival daquela música tipicamente portuguesa, que enche de emoção e faz delirar de entusiasmo quem sente ainda a alegria e a validade de ser português.

As vibrantes palmas com que os artistas viram coroadas as suas actuações são aliás testemu-

nho da simpatia que disfrutavam entre a entusiástica assistência, entre a qual se encontravam o sr. D. Ernesto Gonçalves Costa, Bispo da Diocese, acompanhado por mons. Sezinando Rosa, vigário geral, e Dr. Analide Coelho, chanceler da Câmara Eclesiástica, engº Fernando Magalhães Crespo e cónego Gonçalves Pedro, do Conselho de Gerência da R. R., Dr. Manuel José de Fonseca, secretário geral do Governo Civil, Dr. Aroleno Novais, da direcção da companhia do Cinema, individualidades da maior representação no nosso meio social e cultural, órgãos de comunicação social e largas representações das comunidades cristãs. Presentes ainda os Padres José Vieira, Sebastião Rendeiro e Adriano Santo, dos jornais diocesanos, respectivamente de Viseu, de Aveiro e de Coimbra.

Com números sensacionais, e um elenco artístico que compreendia valores consagrados no mundo da canção, da música e do teatro, o Espectacular realizado em Faro agradou plenamente a quem teve ensejo de a ele assistir.

REUNIÃO DE IMPRENSA

O sr. engº Magalhães Crespo presidiu depois a uma reunião da imprensa, em que, após breve troca de impressões sobre o Espectacular, apontou as linhas fundamentais da campanha para a aquisição dos novos postos emissores de ondas média e curta da Rádio Renascença.

Salentou o ambiente de simpatia, de apreço e de compreensão, com que esta campanha tem sido acolhida em todo o País, devendo-se este facto à qualidade dos programas e à clareza, objectividade, isenção e independência da

VENDEM-SE

Apartamento, situado na Urbanização Expansão Sul, com 4 assolhadas.

Com chave na mão.
Nesta redacção se informa.

VENDEM-SE

PROPRIEDADES

1 — Sequeiro c/ arvoredo c/ cerca de 2,5 ha, confrontando com a estrada Loulé-Quarteira, sita na Franqueada.

2 — Sequeiro c/ cerca de 2 ha, sita nas Pereiras a 300 m da Estrada Nacional 125.

Ambas c/ amplas possibilidades de regadio.

Nesta redacção se informa.

(3-3)

informação da Emissora Católica Portuguesa.

Por fim, apresentou o plano de reestruturação e actualização da R. R., que se encontra numa fase bastante avançada.

A bênção e a inauguração da primeira pedra da nova estação de Muge, perto de Santarém, e a chegada dos novos emissores são o penhor de um futuro de progresso e de renovação da R. R. ao serviço dos grandes valores da verdade, da justiça, do amor, da paz e da valorização integral da nossa sociedade.

O sr. engº Magalhães Crespo respondeu a algumas questões apresentadas pelos representantes dos órgãos de comunicação social, agradecendo a presença de todos e o interesse e a compreensão com que têm acompanhado a obra de desenvolvimento e de ampliação da R. R.

No decurso da semana que precedeu o «Espectacular» a Rádio Renascença transmitem diariamente, a partir das 23 h. e 30, programas especiais dedicados ao Algarve, em que foram tratados temas como: Turismo, Descentralização, Universidade, Hospital Regional, Conservatório, Aeroporto, Desporto, Imprensa, Portos, Agricultura, Pesca, Vida Religiosa, etc.

VENDEM-SE

Apartamentos, em blocos de construção moderna, em acabamento, c/ 3 assolhadas e preços acessíveis, situados na Rua da Central Eléctrica.

Informa-se no local, com Manuel José Portela Neves.

(10-5)

VENDE-SE

Um táxi e o respectivo aluguer no Ameixial.

Informa: José Guerreiro Fernandes - Ameixial - Loulé.

(6-4)

TRESPASSA-SE

Dois estabelecimentos de tecidos e confecções, com ou sem existência, servindo para qualquer ramo de comércio, no melhor local da rua do Comércio em OLHÃO.

Tratar pelos telefones 72635 ou 72529 — OLHÃO.

VENDEM-SE

Propriedades, próximo da vila e periferia. De boa terra de semear e abundante arvoredo.

Facilidades de água e luz.

Tratar na Rua Condestável D. Nuno Álvares Pereira, 3 (Largo do Chafariz) — Loulé.

(8-5)

VENDE-SE

Ford Transit 1975 de carga, c/ caixa fechada e em bom estado de conservação.

Tratar na Rua Almeida Garrett, 21 ou pelo telef. 62756 — Loulé.

TRESPASSA-SE

Mini-Mercado em Loulé (bem situado), com boa clientela.

Nesta redacção se informa.

J. MARTINS & Companhia, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

SEGUNDO CARTÓRIO

**Notário: Licenciada
Maria Odilia Simão Cavaco
e Duarte Chagas**

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 2 de Julho findo, lavrada de fls. 103 a fls. 105, v. do Livro n.º C-59, do cartório acima indicado, o sócio da sociedade por quotas de responsabilidade limitada com sede na povoação e freguesia de Quarreira, concelho de Loulé, que gira sob a firma de «Alves & Martins, Lda.», João Manuel de Oliveira Alves, cedeu a quota que possuía naquela sociedade do valor nominal de 200.000\$00, a Idalina Cachada Viegas Martins, por preço idêntico ao seu valor nominal e em consequência saiu da sociedade e renunciou à gerência que na mesma vinha exercendo;

Que, pelos actuais e únicos sócios da aludida sociedade, Idalina Cachada Viegas Martins e Joaquim Morence Martins, foi alterado o artigo 1.º e o corpo do artigo 6.º do pacto social que passam a ter a seguinte redacção:

Artigo 1.º — A sociedade adopta a firma de «J. Martins & Companhia, Limitada» e tem a sua sede na Avenida Infante de Sagres, na povoação e freguesia de Quarreira, concelho de Loulé.

Artigo 6.º — A gerência e administração da sociedade dispensada de caução — com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral — compete a ambos os sócios que desde já ficam nomeados gerentes, bastando a assinatura do sócio Joaquim Morence Martins para obrigar a sociedade, nos seus actos e contratos.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, nove de Agosto de 1979.

O 3.º ajudante,
Maria de Fátima Guerreiro Rodrigues

VENDE-SE

Vende-se um prédio velho, com projecto aprovado.

Tem quatro frentes e 800 m².

Nesta redacção se informa.

(3-3)

SALÃO

DE CABELEIREIRO

Vendem-se vários apetrechos de salão de cabeleireiro.

Nesta redacção se informa.

(3-3)

VENDE-SE

Propriedade no sítio da Renda (Lagoa de Momprol) a 4 Km de Loulé, c/ bom arvoredo e árvores de fruta, casa de habitação, quintal e cisterna.

Tratar: Rua do Município, n.º 15 em Loulé.

(2-2)

VENDE-SE

Automóvel Vauxall, em bom estado de conservação.

Tratar pelo telefone 62605 — Loulé.

(2-1)

TRESPASSA-SE

Estabelecimento de confecção e retrozeiro.

Tratar na Praça da República, 96 - Telef. 62328 - Loulé.

(6-4)

PROCURAM-SE HERDEIROS

Para regularização da respectiva herança, procuram-se os herdeiros de JOAQUIM DE SOUSA, nascido em 1901 em S. Sebastião (Loulé), filho de Agostinho de Sousa e de Maria Coelho e falecido em França em 1976.

Quem souber prestar informações acerca dos possíveis herdeiros, queiram contactar, por carta, com a redacção deste jornal.

(1-1)

TRESPASSA-SE OLHÃO

Loja em Olhão, situada na Praça da Restauração, 9 e 10, trespassa-se para ramo diferente do actual.

Os interessados devem contactar, por carta, com A. Correia — Largo 1.º de Dezembro, 5 — PORTIMÃO.

(1-1)

TERRENOS

ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTAS

R. SERPA PINTO, 1 A 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

O experimentalismo político

(Continuação da pág. 1)

veis, a praga de desemprego e a desorganização empresarial, nem tão pouco imaginaram a declinação moral do ensino e da educação. Tal angústia que nos foi perturbando (e continua aceleradamente) nasceu da ambiguidade ideológica, do desvio psicológico, em comunhão com a crise internacional, além da incessante fuga de capitais e do materialismo marxizante. Por conseguinte, multiplicaram-se as calúnias, rechaçou-se alguns espíritos livres submetendo-os à frustração contínua, arma técnica das doutrinas dogmáticas para a conquista do Poder. A desmesurada manipulação salvou a nossa sociedade de conceitos e ideias erróneas, daí que a resignação seja formalmente a razão do abstencionismo, uma vontade cega de esquecimento dos negócios políticos.

As alianças, democráticas ou não democráticas, acabam por demonstrar o desentendimento e

evidenciam necessariamente a crise social que nos conquistou; um testemunho gritante de um Portugal cheio de bolor, em angústias e preocupações permanentes. Assim toda a explicação da crise passa pelo indivíduo que nós somos, mergulhado na incultura, resultante do absurdo e traduzido nos actos isolados que comete.

E para que fim tendemos nós? Aproximamo-nos dos valores ocidentais? Não sou um homem da fatalidade; somos homens da fatalidade; somos homens da fatalidade. Um ponto de interrogação no caminho. A suspeita dos contornos desse caminho. Dificilmente nos imaginamos no meio de uma multidão civilizada, porque se continua a criticar o passado sem uma decisão presente e um desejo futuro. Vamos recalhando as nossas tempestades interiores, sem um milagre de escudos por-

ventura importante mas muito abaixo dos valores morais que já não nos embelezam. Agora a filosofia à martelada, a carácter absoluto, os pensadores defeituosos e os enigmas políticos.

Como dizia F. Nietzsche: «Chegou-se ao sentimento do não-vontade da existência»...

E ainda não é tudo: o que não posso calar aqui é a nossa servidão da juventude com os sentimentos amolecidos, enquanto se manejam governos e pessoas em tentativas dogmáticas. Devíamos, pelo menos, construirmos um abrigo moral contra as confusões e isso seria darmos as mãos e sermos amigos. Acreditam, caros leitores, na minha boa vontade porque uma coisa parece certa: A frase de Schopenhauer — «Toda a vontade é a vontade de alguma coisa».

Luís A. M. Pereira

Propriedade privada e liberdade individual

(Continuação da pág. 1)

lícito assenhorear-se daquilo que não lhe pertence.

A Igreja Católica, através das encíclicas «Rerum Novarum» e «Quadragesimo Ano», de Leão XIII e Pio XI, definiram os deveres e obrigações do capital e do trabalho, numa colaboração, com vista ao bem comum.

Toda a doutrina da Igreja, segundo declarações da sua hierarquia, está em oposição às teorias marxistas.

O princípio de Karl Marx, de que as ideias não devem reger o Mundo, mas sim as suas necessidades económicas, é a negação das forças espirituais sobre o materialismo. De resto, ao transformar o Estado em proprietário de tudo, situou-se na posição de pai do comunismo. E perante semelhante colectivização, tirou ao cidadão todo o espírito, portanto, sem poder de qualquer oposição.

É claro que já não estamos nos tempos de Karl Marx, que viveu, como se sabe, entre 1818 e 1883. Os tempos são outros e não esquecemos que as teorias marxistas vizavam, no tempo, antes de mais, revoltar as massas trabalhadoras da Inglaterra, Alemanha, França e Estados Unidos, contra a industrialização, no que se enganou redondamente. Pois com a industrialização, os operários passaram a ter melhores condições de vida e maior segurança social. Só na Rússia, quase um século depois, num País escravizado e semi-feudal, com auxílio de Lenin, uma clique tomou conta do poder, para nunca mais o largar. Só pela força das armas, que não pelo voto ou pela vontade do povo, conseguiu impôr-se em qualquer outra parte do Mundo.

Em conclusão, podemos dizer, que onde não há propriedade privada, não há liberdade individual. Uma condiciona, na verdade, a outra. Só em democracia elas são plenamente conseguidas e vividas.

VENDE-SE

Prédio de 1.º andar em Loulé, com chave na mão.

Frente para as Ruas 5 de Outubro e Barbacã.

Contactar com Joaquim Gonçalves Cachaço ou pelo Telf. 62748 — LOULÉ.

(4-2)

A Volta a Portugal terminou em Loulé

(Continuação da pág. 1)

Porto, e o corredor do Lousa, Marco Chagas. A expectativa durou até ao último segundo, terminando Marco Chagas por arrancar uma belíssima vitória que lhe valeu o primeiro lugar nesta 41.ª edição da Volta a Portugal, por entre o autêntico

delfrio da multidão. Grande dia de ciclismo para Loulé, onde apenas pairou a sombra do comportamento discreto e muito azarente da equipa local, o Campinense/Carapona, durante os dias da dificilíma prova.

No próximo número daremos mais pormenores.

Transcrições de A Voz de Loulé

Prosseguem no ritmo a que nos habituámos, as transcrições que diversos jornais de todo o País, fazem com certa regularidade, de artigos, opiniões e factos veiculados pelo nosso jornal.

Está neste caso o «Diário de Notícias», que publicou extractos da nossa notícia sobre a visita do General Galvão de Melo ao

Algarve, bem como «A Capital» que reproduziu o artigo «A Fruta é um fruto proibido?», no seu número de 21 de Junho.

Sobre o concurso fotográfico «Chaminés do Algarve», promovido pela «Voz de Loulé», referiram-se o «Primeiro de Janeiro» e o «Diário de Notícias», além de vários jornais regionais, o que desde já muito agradecemos.

Aprovado pelos mais exigentes

VILAMOURA enche-se de vida.

Quem escolhe as melhores praias do Algarve. O sol. O mar ameno. Quem vive o desporto. Golf. Ténis. Cavalos. Piscinas. Vela. Pesca. Caça submarina. Quem prefere a vida tranquila do campo. O verde. As moradias. Ou a animação fascinante do Casino, dos bares, dos restaurantes, dos hotéis internacionais. Do Centro Comercial. Quem gosta de se sentir em casa, no seu barco ancorado na Marina. Quem é muito exigente... escolhe Vilamoura. O local de férias completo, durante todo o ano.

VILAMOURA O MAIOR EMPREENDIMENTO TURÍSTICO PRIVADO DA EUROPA

LUSOTUR — Sociedade Financeira de Turismo, S.A.R.L.
Rua Tomás Ribeiro, 50-2.º - 1000 Lisboa
End. Teleg. Lusef - Telef. 537057 - Telex 12 616 Lusef P
No Algarve: Vilamoura 8100 Loulé

Escritórios abertos na Marina de Vilamoura, todos os dias, das 9 às 23 horas.

PAÍS SEM RUMO

por F. CLARA NEVES

Há razões que a razão desconhece! Mas, apontemo-las concretamente! Metidos no colete de forças de uma ditadura que não primou por oferecer ao povo português durante meio século de tecnologia industrial competitiva, este facto relegou-nos para a cauda da Europa! Somos lanternas vermelhas, mendigando um lugar ao sol, apesar de termos dado novos mundos ao mundo!

Foi com justificada ansiedade que admirámos o movimento dos capitães de Abril, mas depressa se desvaneceram as esperanças! Efectivamente, onde estão as medidas de fundo que eliminaram modelos arcaicos? Vivemos no sonho e na fantasia, com pesadelos fermentados na aventura irresponsável. As primeiras medidas, bastante discutíveis quanto à libertação de presos de delito comum e políticos de diversos quadrantes ideológicos, só estes a mereciam! No assalto ao Quartel General da PIDE, cada um dos interessados, procurou destruir dossieres comprometedores na rua António Maria Cardoso, que ilibasse os seus partidários, de qualquer comprometimento. Premediram-se e libertaram-se alguns agentes sob critérios pessoais, ante o repúdio ou a adesão à nova ordem estabelecida de afogadilho, sem o dedo da justiça intervir!

E no entanto os chefes que encarnavam os princípios políticos do Estado Novo, remeteram-nos para o exílio, enquanto se exigia o sangue e a vida de subordinados de escalões inferiores, que cumprem ordens sem poder discuti-las. Cavalos de Tróia e bodes expiatórios da contabilização na transmissão de poderes...

Alguém já reivindicou responsabilidades da retirada militar de Moçambique, Angola e Guiné? Esses povos tinham inadiável direito à autodeterminação, liberdade e independência, mas uma independência justa, humana e negociada, para evitar colapsos e injustiças, salvaguardando a honra e dignidade dos construtores dessas pátrias maravilhosas. A maneira cobarde como se desmoronou uma parte do exército colonial, de honrosas tradições históricas (perante os guerrilheiros, alguns estrangeiros a soldo de interesses internacionais) deu inesperado prestígio a Samora Machel, arrogando-se uma estratégia genial, ao gabar-se de destruir um exército, com duas centenas de soldados!

Seguiu-se depois, o caos e a tragédia! Os portugueses que

construiram um império de que se orgulhavam, regressaram à Pátria de camisa suada, vergados de humilhação! Para salvar as vidas, abandonaram bens e haveres, a personalidade amachucada e a alma de patriotas corada de vergonha! Vil moeda, na recompensa de tanto e abnegado esforço civilizador, vaiado na metrópole por certos sectores de notáveis progressistas. Quantos regressaram? Talvez 300 ou 400 mil, que jamais se conformaram com o destruir das suas vidas, varridas por um caudilho que não provocaram?

Fantomas errantes deambulando de terra em terra, sob o peso da «descolonização exemplar», com as malas vazias, e vazios de fé e esperança, réus de um processo sem culpa enquadrando os seus algozes, são sonoramente elevados à categoria de heróis. Quando se exigem responsabilidades à facção que motivou este êxodo com o sabor de uma estrondosa derrota?

Colando-se a esses infelizes, há grupos de oportunistas que comem, bebem e recebem do F. do Desemprego sem nunca terem trabalhado. Aproveitam-se da desorganização em vigor, rastros dos 10 executivos em 5 anos de revolução, embuados em austerdade... para os outros!

Onde se viu, adolescentes, fazerem prova de desempregados (quem vai negar essa prova sem uma saraiada de epítetos fascistas) que passam a auferir subsídios superiores à reforma de muitos trabalhadores com mais de 40 anos a descontar para Caixas de Previdência?

A juventude que sai das escolas, afi ainda de braços cruzados, pois ninguém investe neste país eternamente adiado. As leis de trabalho castigam severamente a entidade patronal, como se fossem os culpados da degradação que se acentua inexoravelmente! A legislação do trabalho é um mundo complexo, traiçoeiro, inferno que faz tomar os pequenos industriais num clima de enervante incerteza. A par, uma rede intrincada que parece um sorvedouro, agindo através de fiscais zelosos, que chupam os tutanos de quem teimosamente deseja a revitalização da desgastada economia! Entretanto há por aí comerciantes que na clandestinidade, enchem-se aos milhares, no silêncio de negociações negras!

Há uma chuva de candidatos aos bancos nacionalizados e aos empregos públicos, que as greves aumentam desordenadamente os seus honorários, mas, à partida, só os retornados podem competir por direito de opção facultado por leis descrpcionárias! Que cemitério de aspirações está reservado à juventude que justamente desejará construir os seus ninhos de amor para a continuidade e perpetuidade da raça? O processo continua nos moldes tradicionais! Quem tem padrinhos vence — mesmo que seja incompetente — e os desprotegidos amónimos deste povo glosado pelos partidos, afi andam morrendo de fome pelas esquinas das ruas, blasfemando da sua pouca sorte!

F. Clara Neves

MOSAIKO ROMANO NO MUSEU MUNICIPAL DE FARO

A convite do Director do Museu Municipal de Faro, sr. Prof. José António Pinheiro, representantes dos órgãos de informação visitaram há dias no antigo Convento das Freiras, da Praça de D. Afonso III, que serve de Museu Municipal, o mosaico romano, que há anos foi descoberto, na rua do Infante D. Henrique e que foi restaurado nas oficinas especializadas do Museu de Coimbra.

O mosaico compreende uma superfície de cerca de 40 m² e a sua descoberta suscitou vivo e justificado interesse.

Remonta, no parecer das pessoas autorizadas nesta matéria, ao século I da era cristã.

PERÍCIAS EM AUTOMÓVEL

O departamento desportivo do Racial Clube, enquanto já começou a distribuir o regulamento do seu famoso Rallye do Algarve (1-4 Novembro), realiza nos dias 18 e 19 de Agosto, respetivamente em Faro e em Portimão, pelas 14 horas, mais duas Provas de Perícia em automóvel integradas no Círculo Regional e que têm o patrocínio da discoteca «O Bote». Modalidade espectacular, com certeza que vai levar áquelas cidades algarvias incontestáveis entusiastas.

Tal como tem vindo acontecer em anos anteriores tudo se conjuga para que estejam presentes os habituais «show-men» que não quererão deixar de fazer o gosto ao acelerador nem os seus créditos por mãos alheias...

Mais um polo de atracção em plena época turística e mais uma

prova de esforço e capacidade de realização do Racial Clube.

Os prémios serão distribuídos nas noites de 18 e 19 na totalmente remodelada discoteca «O Bote» na Praia de Carvoeiro.

EXPOSIÇÃO DE ÓLEOS DE DEOLINDA DE OLIVEIRA

Na sala de exposições do Posto de Turismo de Faro, encontra-se patente ao público, de 12 a 20 de Agosto uma exposição de óleos da pintora Deolinda de Oliveira.

A amostra reune 23 óleos, em que a temática principal é a paisagem, o seu tema preferido.

Deolinda de Oliveira, nasceu em Braga, onde já tem efectuado diversas exposições, a última

das quais na galeria de arte do Hotel Turismo, que mereceu os maiores elogios da imprensa diária e regional do norte.

Foi aluna do Professor Luís Campos e frequentou a escola-Piloto da Gulbenkian.

A exposição funciona de terça a sexta, das 9 às 22 horas, aos sábados, domingos e segundas, até às 20 horas.

A FISCALIZAÇÃO ECONÓMICA EM ACTIVIDADE NO ALGARVE

Há dias, um talhante da nossa praça, foi encostado à parede do tribunal, porque tendo entrado no estabelecimento, a fiscalização detectou uma teia de aranha num canto da parede, o que fez perder as estribelheiras do comerciante, a pontos de o caso ter tomado proporções felas, e ter de ser resolvido pelo juiz.

Extremamente zeloso pela higiene da sua casa, (que a própria fiscalização reconheceu ser impecável) o referido comerciante não se conformou com o excesso de zelo da brigada, declarando abertamente discordar dessa atitude, o que provocou áspera troca de palavras.

Manifestando a sua solidariedade para com o colega (que consideraram injustamente autuado), os talhantes fecharam a porta durante a audiência, que teve larga assistência vivamente interessada pelo desenrolar do acontecimento.

As várias testemunhas de defesa (o facto ocorreu a um sábado e o talho estava cheio de clientes) consideraram que o referido estabelecimento primava pelo asseio e discordaram do excesso de actuação da fiscalização.

Aliás os próprios agentes de

acusação concordariam com a insignificância da teia (que uma aranha pode formar em poucas horas) insurgindo-se especialmente contra a irritabilidade do comerciante que, afinal, nem sequer lhes faltou ao respeito e esquecendo-se que essa atitude foi uma consequência lógica de quem se sentiu ferido no seu brio profissional e na sua constante preocupação de manter a máxima higiene possível, na sua casa, o que aliás é reconhecida por quem conhece os proprietários do referido talho.

Naturalmente considerando quanto é necessário que as brigadas de fiscalização actuando no sentido de defender a saúde pública, o Tribunal condenou o réu em 2 000\$00.

E já que falamos de fiscalização em defesa da saúde pública, parece-nos estranhar que essa fiscalização não seja mais eficaz quanto ao peixe que o público paga quase a peso do ouro e consome em deficiente estado de conservação; quanto aos bolos que se vendem publicamente com pó e moscas e também quanto ao queijo sem condições higiênicas recomendáveis.

E acrescento a tudo isto, que também seria desejável uma fiscalização nas cozinhas dos restaurantes, onde os alimentos nem sempre são confeccionados com a higiene de harmonia com o preço das refeições.

No entanto já chegaram até nós ecos da acção das brigadas de fiscalização, cujos números de autos agora divulgados são um índice claro do trabalho realizado.

Consideramos importante que as brigadas da fiscalização económica por cumprirem o seu dever. E se o seu dever é zelar pela higiene que deve reger tudo quanto se destine a consumo público e ao público, pois que se cumpria a lei, ainda quando esse zelo se resuma a uma reles e insignificante teia de aranha. O que já não estamos muito de acordo, é que se abrem por aí além por causa de uma teia de aranha, e ninguém jogue os olhos para as condições em que a carne é descarregada à porta desses mesmos talhos, muitas das vezes com os pés dos descarregadores por cima dos animais abatidos, quando não, estes mesmos caem pelo chão, e todos sabemos como o chão não primará pela reverência e aprumo higiênicos!... Mas enfim, tudo isto são telas que nenhumha aranha tece, mas que para si estão, sem que ninguém se incomode muito com elas. Agora as das aranhas... essas não! Tribunal com elas!

ESTATÍSTICA BEM ESCLARECEDORA

Como sabemos o Governo, após 51 meses de ocupação, desintervencionou o grupo de empresas «Habitat».

Depois dos 51 meses de ocupação pelo Estado os accionistas vão encontrar centenas de milhares de contos de prejuízos, ou seja: 200 mil de hipotecas; 100 mil de Juros bancários; 80 mil à previdência; 20 mil de salários aos trabalhadores; 15 mil de seguros, terrenos expropriados, andares vendidos ao desbanato... etc. E nem um só andar foi concluído

durante os 51 meses de intervenção!

Isto é que foi «trabalhar»!!! O que aqui se passou é bem o reflexo da situação criada em todo o País com a revolução dos cravos.

(De «O Mensageiro»)

CASAMENTO

Celebrou-se há dias, na Capela da Basílica de Fátima a cerimónia de enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Aurora Rosa Martinho, filha da sr.ª D. Amália Rosa Martinho e do sr. António Martinho, com o nosso conterrâneo sr. Francisco Manuel de Jesus Afonso Nunes, filho da sr.ª D. Fernanda de Jesus Afonso e do sr. Dinis Afonso Nunes.

Testemunharam o acto, por parte da noiva, sua tia sr.ª D. Maria da Encarnação e o sr. Filipe Serra Machado e por parte do noivo, o sr. João Manuel Rodrigues de Brito e a sr.ª D. Maria de Lourdes Rodrigues de Brito.

Ao novo casal, que fixou residência em Loulé, endereçamos os nossos parabéns e formulamos votos de feliz vida conjugal.

NOVO POSTO DE TURISMO DE OLHÃO

Entrou em funcionamento o Posto de Turismo de Olhão, com que a Comissão Regional de Turismo do Algarve em colaboração com a Câmara Municipal daquela Vila, dotou uma região de fortes potencialidades turísticas. O Posto funciona em dependências dos Paços do Concelho, junto à Rua do Comércio e está dotado com o telefone n.º 73936, funcionando de 2.º a 6.º feira, das 9.30 às 12.30 e das 14 às 17.30 horas e aos sábados, das 9 às 13 horas. Como encarregada do Posto de Olhão foi colocada a funcionária Alda Maria Carriço António.